

# NÃO É TEMERÁRIO QUANTIFICAR “HUMANIZAÇÃO”?

---

Não é recente a propagação no Brasil, evocando “Vigotski”, de que o objetivo da educação escolar seja “humanizar” as pessoas. Com a melhor das intenções. Mas é possível sustentar que uma criança que vai à escola fica “mais humana” que outra que não vai? Ou que quanto mais se estuda, mais “humanizado” se fica? Isso quantifica o conceito: menos humanizado, mais humanizado, muito humanizado. E a nada de real isto se refere. Vigotski mesmo diz: “Quantas inteligências estereis há que não produzem nada! Quantas inteligências que pensam, mas não atuam! Todos lembramos a situação em que sabemos como agir e o fazemos de outro modo” (1930/1991, p. 91). Não é erudição adquirida nas melhores escolas que tornará alguém “mais humano”, no sentido de mais responsável para com destino da humanidade. Fosse tão linear, as classes que expropriam as que trabalham, estudando tomariam consciência de quão nefasto é o capitalismo para o destino da humanidade e seriam revolucionárias.

Os mais graduados e titulados decidiriam, gentilmente, abdicar da propriedade privada dos grandes meios de produção para criar um estado socialista rumo ao comunismo. Mas a realidade não é esta. Uma educação que se deseje “crítica” precisa afastar o *delírio ideológico* de que os mais instruídos ficam mais humanos, mais críticos, mais sensíveis, mais aptos a conduzir os povos à sua emancipação. O desafio não se reduz ao domínio de conhecimentos, avança em função *quais* conhecimentos dominar e, sobretudo, *quais* ações seremos capazes de realizar com a mediação deles. Nada disso deriva de haver “mais humanos” e “menos humanos”. É grave que de em setores ditos “marxistas” tenhamos que ouvir tal argumentação. A qual faz lembrar debates teológicos na Europa, do início das “grandes navegações”, nos quais se discutia se índios e negros tinham “alma” ou não. Pois se fosse estabelecido que “não tinham alma”, poderiam ser tratados como “animais”, isto é, “não humanos”. Houve “saída”: “tinham alma, mas

para salvá-la precisavam catequização”.

Pero Vaz de Caminha, nesse generoso amor ao próximo, escreveu ao Imperador que nesta terra, em que se plantando tudo dá, o mais importante a ser feito seria “salvar essa gente”! Se o problema não é quantitativo, também não é binário: “humano ou animal”; “fica animal ou torna-se humano”. Porque todo bebê já nasce pertencendo ao gênero humano. É fato material inegável: não há mediação cultural que “humanize” um filhote de macaco. Nascemos com a potência de nos desenvolvermos como humanos, apropriando-nos da cultura de nossos antepassados e indo adiante da condição básica herdada pelo genoma. Mas não porque o modelo civilizatório eurocêntrico, com sua “alta cultura” acumulada por milênios de expropriação de pessoas do mundo todo, seja o único que nos fornece mediações culturais para tal. É um erro ético, ontológico e político estabelecer o imperativo: “precisamos ir à escola para humanizarmo-nos”.

Precisamos dela para aprender conteúdos que nossos pais não podem ensinar, que a televisão reduz a informações e distorce em ideologia, que a internet esconde no meio de tanto lixo semiótico. Para potencializar nossa leitura da realidade e uma práxis responsável pelo destino do gênero humano. Se ela não proporciona isso, não significa que alguém deixa de ser humano. Existe um erro de foco nesse apelo: “venha para a escola senão ficará como um animal”. Não será com base nesta ameaça terrível que se convencerá alguém de que a escola seja algo essencial para nossas vidas darem um salto adiante. Porque sermos humanos não é vantagem nem é difícil, fazermos disso algo que rume à nossa emancipação radical é o real desafio.

Referência: Vygotski, L. S. (1930/1991) Sobre los sistemas psicológicos. In: \_\_\_\_\_. Obras escogidas. Tomo I. Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia. p. 71-93.